

O patrimônio histórico de Ilhéus em sites de turismo¹

Antônio Marcus Lima Figueiredo²
Universidade Estadual de Santa Cruz - Ilhéus-BA

Resumo:

Tendo em vista a importância da comunicação turística na relação entre os visitantes e a comunidade receptora, o objetivo desse artigo é analisar como o patrimônio histórico da cidade de Ilhéus tem sido representado e difundido como atrativo turístico, com base no conteúdo levantado em sites de turismo. Busca-se elucidar os processos sócio-históricos que levaram a tais representações, na medida em que estas vão reproduzir os interesses e as relações do contexto em que foram produzidas. Ao reproduzir o discurso hegemônico das elites e priorizar elementos ligados à *Gabriela Cravo e Canela*, livro de Jorge Amado adaptado para TV e para o cinema, opta-se pelo viés do consumo na representação do Patrimônio da cidade, o que torna questionável os benefícios à cultura local e a sustentabilidade pregada pelo turismo cultural.

Palavras-chave: Patrimônio histórico; comunicação turística; internet; cultura local.

Introdução

Nos últimas décadas o turismo tem se configurado uma importante atividade econômica para a cidade de Ilhéus, principalmente após a crise ocorrida na lavoura cacaueteira nos anos 80, quando uma doença, conhecida como “vassoura de bruxa”, afetou drasticamente a produção cacaueteira. Com o intuito de dinamizar a atividade, que inicialmente se desenvolveu voltada ao turismo de lazer, o poder público municipal tem investido na infraestrutura do patrimônio histórico cultural da cidade, apostando no turismo cultural.

No contexto globalizado em que se desenvolve o turismo, disseminam-se cada vez mais destinações, o que torna o setor mais competitivo, e faz da comunicação um elemento fundamental para o êxito da atividade. As localidades produzem representações globalizadas que valorizam os seus patrimônios culturais e naturais, que são apresentados através dos meios de comunicação como atrativos turísticos.

Devido à possível aliança entre desenvolvimento econômico e valorização da cultura local, aponta-se, em algumas pesquisas, o turismo cultural como uma alternativa de

¹ Trabalho apresentado ao NP 19 – Comunicação Turismo e Hospitalidade, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Bacharel em Comunicação Social e Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz. antonio500@ig.com.br

desenvolvimento sustentável para a cidade de Ilhéus. Nos últimos anos têm se intensificado os investimentos no patrimônio histórico do município, em função da sua valorização pelo turismo, o que, à primeira vista, leva-nos a concordar com esses “benefícios” para a cultura. Porém, através de um olhar crítico, percebemos que nas representações elaboradas sobre a cultura local, em função da atividade turística, têm se reproduzido o discurso hegemônico das elites e a priorização dos elementos ligados à *Gabriela Cravo e Canela*, livro de Jorge Amado, principal difusor da imagem de Ilhéus no Brasil e no mundo.

Tendo em vista a importância da comunicação turística na relação entre os visitantes e a comunidade receptora, ao tocar imagens identitárias do território, o objetivo desse artigo é analisar como o patrimônio histórico da cidade de Ilhéus tem sido representado e difundido como atrativo turístico, tendo como base o conteúdo levantado em sites de turismo. Busca-se elucidar os processos sócio-históricos que levaram a tais representações, na medida em que estas vão reproduzir os interesses e as relações do contexto em que foram produzidas.

Embora se tenha consciência de que o patrimônio histórico de uma comunidade, abarca tanto bens materiais quanto imateriais (músicas, danças, entre outras), essa análise se concentrará nas representações elaboradas sobre os bens materiais e locais que são declarados e consagrados pelo poder público e que ganharam significação durante a história do município.

A escolha da internet como meio a ser investigado se deu pela importância que vem adquirindo para a atividade turística. Símbolo da revolução tecnológica processada nas últimas décadas, a internet se tornou um importante meio para o desenvolvimento do turismo. Como aponta Lage (2000), a internet tem lugar de destaque dentre as tendências da comunicação para o turismo, na medida em que ela tem revelado vantagens para os usuários em relação aos outros meios. A internet estabelece uma nova relação entre empresas e consumidores, dando amplas possibilidades de escolha e descarte para o consumidor, o que exige dos agentes de turismo um novo trato com a informação. Com a capacidade de interligar diversas partes do mundo, a internet se torna um importante palco para representações dos atrativos das localidades e, por conseguinte, da cultura local.

O trabalho está dividido desta forma: primeiramente busca-se fazer uma revisão do conceito de patrimônio, entendendo-o como um capital cultural; no segundo tópico

apresenta-se a Internet como meio a ser pesquisado e a descrição dos sites analisados; os dois tópicos seguintes irão analisar o conteúdo de tais sites buscando elucidar os processos sócio-históricos que levaram a tais representações sobre o patrimônio histórico cultural da cidade de Ilhéus: a representação histórica das elites e a valorização simbólica das obras de Jorge Amado; ao final são feitos alguns questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade aplicada ao campo da cultura, principalmente no que tange a formação e apropriação do patrimônio pelos diversos setores da sociedade.

A construção discursiva do patrimônio e seu valor como capital

A escolha de um determinado patrimônio, assim como as opções para o seu tratamento, não são atos desinteressados: dependem do ponto de vista da seleção, do significado que se deseja atribuir aos objetos e do uso que se quer fazer deles. São ações inseridas em contextos histórico, socioeconômicos e culturais específicos, que também devem ser observados para o seu entendimento.(Motta 2000, p.260)

Podemos compreender como “patrimônio cultural todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da coletividade, da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o passado histórico.” (PELLEGRINI, 1993 p. 96) Porém, para servir como fonte de informação sobre o passado histórico, as intervenções sobre o patrimônio têm que se basear no seu valor documental.

Entende-se que a principal vantagem para a população, de se atuar sobre o seu patrimônio histórico, seja o resgate do seu valor documental, o que o torna uma fonte de conhecimento, referência da memória e da identidade de um povo, elemento fundamental para o exercício da cidadania em tempos globalizados. Porém, ao entendermos a cultura como uma condição de produção e reprodução da sociedade (MENESES, 2002), e não como algo fora do circuito das necessidades humanas, observamos que a escolha de determinados símbolos para representar a memória de um povo está sujeita a disputas entre atores sociais, movidos por interesses e necessidades do contexto.

A valorização de determinados símbolos a título de Patrimônio, passa necessariamente por construções discursivas que correspondem a determinados interesses em contextos sócio-históricos específicos. O discurso do patrimônio no Brasil, que se iniciou nos anos trinta com a criação do IPHAN, teve por interesse a constituição de uma

unidade nacional. Através da valorização de símbolos que ilustram uma narrativa histórica, contribuiu para a construção de uma identidade nacional.

Para Lia Motta(2000) as intervenções sobre o patrimônio no Brasil passaram por três fases: a primeira que vai dos anos 30 aos anos 70, período protagonizado pelo IPHAN, no qual o discurso vai estar voltado para uma afirmação de uma identidade nacional; um segundo momento nos anos oitenta onde as revisões do conceito de patrimônio, atentando para o seu valor documental e não apenas estético-estilístico de caráter nacional. Nesse tempo ocorre também a descentralização das ações de preservação do patrimônio com a criação de órgãos municipais e estaduais, e a difusão da possibilidade de utilização econômica deste patrimônio através principalmente do turismo. Após os anos 90 acontece o que Lia Motta classifica como um retrocesso no tratamento do patrimônio: o conflito entre as exigências impostas pela concepção do patrimônio como um documento e o tempo do capital, que visa o retorno rápido dos investimentos e a lucratividade, desloca os sítios históricos de seu “lugar de patrimônio” para um lugar no mercado de consumo visual.

Para além dessas mudanças no tratamento do patrimônio histórico, percebe-se, como aponta Canclini (2000), as grandes desigualdades com relação à formação, representação e usos do patrimônio:

Foram esses grupos – hegemônicos na América Latina desde as independências nacionais até os anos 30 deste século (*leia-se século passado*), donos “naturais” da terra e da força de trabalho de outras classes – os que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades, a música clássica, o saber humanístico. (CANCLINI,2000 p.160) (grifo nosso)

Seguindo esse raciocínio, o autor vai propor entender o patrimônio como um capital cultural:

...a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representa-lo como conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixados de uma vez para sempre, mas como um *processo social* que, como o outro capital, acumula-se, reestrutura-se, produz rendimentos e é apropriado de maneira desigual por diversos setores.(CANCLINI,2000. p.195)

Ao pensarmos a utilização do patrimônio pelo turismo, entendê-lo como um capital cultural torna-se útil e pertinente, na medida em que através deste conceito pode-se visualizar tanto as desigualdades e conflitos existentes no campo da cultura, como também

as possibilidades econômicas provenientes da atividade turística. Assim, não se entende o mercado como um mal em si, nem tampouco a valorização de determinados símbolos como grandes benefícios à cultura local.

Turismo, internet e representação do patrimônio

A internet tem se tornado um meio importante para a atividade turística e um local privilegiado para a afirmação das diferenças. Sua expansão inaugura novas formas de relações entre consumidores e prestadores de serviço, como também novas formas de trato da informação e de intercâmbio cultural. Através de elementos que constituem a memória local, as representações elaboradas do patrimônio histórico-cultural das cidades, veiculadas na internet, podem tornar-se o diferencial para atrair o turista, e também influenciar a relação deste com a população local.

Para Avighi (2000), as redes globalizadas disseminam informações sobre destinos turísticos, produzindo assim, representações de lugares e povos incitando à visitação. Segundo o autor, estas representações globalizadas de locais e culturas, carregam em si marcas do imaginário local que se põe no imaginário global através da mídia. Para Voisin:

Para além das técnicas de marketing, de propaganda e publicidade, a comunicação turística toca as imagens identitárias de um território, a memória coletiva e social de um povo: trata-se aqui de representações difundidas a diversos títulos, e que deverão ter repercussões significativas sobre o olhar que as comunidades receptoras dirigem a si mesmas diante dos visitantes. (VOISIN, 2004. p.2)

A afirmação/valorização do patrimônio histórico em sites de turismo faz parte de uma estratégia de inserção do território no mercado global do turismo, no qual este patrimônio tem a função de atrativo turístico. Neste sentido, podemos afirmar que estes sites veiculam discursos que vão corresponder às necessidades específicas de promoção do turismo, mas que também se inserem num processo discursivo de formação e valorização de determinados símbolos, como representativos da comunidade. O processo de seleção de tais símbolos vai corresponder às necessidades e interesses de contextos histórico, socioeconômicos e culturais específicos, que devem ser observados para o seu entendimento.

Para a presente análise, foram selecionados três sites, cuja escolha se deu através dos sistemas de busca Google e UOL, utilizando-se a palavra chave “Ilhéus”. Levou-se em consideração a presença de conteúdo sobre a cultura local e a promoção turística. Os sites

escolhidos foram: a página de Ilhéus no “Férias Brasil”, site de turismo ligado ao portal Terra, o “Ilhéus virtual” e o “Farol Ilhéus” dois sites locais onde foram selecionados as seções relacionadas aos atrativos culturais. A seguir apresentarei uma breve descrição dos elementos encontrados nestes sites, e após isso, contextualizar historicamente essas representações.

Site Férias Brasil: (<http://feriasbrasil.terra.com.br/>)

Página vinculada ao portal de acesso “Terra”, o site “Férias Brasil” apresenta diversas destinações turísticas, que podem ser consultadas num sistema interno de busca, ou seguindo o caminho estipulado através da divisão de Estados e Regiões. Na página relativa a cidade de Ilhéus, apresenta-se um texto linear subdividido em tópicos onde ao lado de aspectos naturais vê-se a cidade envolta no imaginário do cacau. A monocultura do cacau foi a principal responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade no século passado e que foi retratada pelo escritor Jorge Amado em alguns de seus romances.

Os marcos que de alguma forma foram articulados com fatos históricos apresentados foram: Catedral de São Sebastião construída entre 1931 e 1967 sobre as ruínas da antiga igreja de São Sebastião, demolida em 1926; Convento e Igreja de Nossa Senhora da Piedade, construção concluída em 1928, cujo convento possui em sua área um colégio que funciona desde 1916; Bar Vesúvio, uma referência direta ao livro *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado, a obra mais utilizada no marketing da cidade de Ilhéus; e o Outeiro de São Sebastião, ponto referencial das primeiras habitações no território, onde se constituiu a cidade de Ilhéus, mas que é mencionado como uma espécie de mirante, de onde pode se ver as paisagens da cidade.

Site Farol Ilhéus (<http://www.farolilheus.com.br>)

Neste site foi analisada a seção “Ilhéus”, do tópico “cultura”, que se encontra na barra de navegação interna, colocada no lado direito da tela. Nessa página, apresenta-se um texto descritivo da cidade que articula seus atrativos naturais e culturais, exalta-se a qualidade de vida e a influência do escritor Jorge Amado. A descrição da história do município é resumida à Carta da doação das terras de Ilhéus ao donatário Jorge Figueiredo Corrêa e o envio do seu representante Francisco Romero, o fim do sistema de capitánias

hereditárias em 1754, e a inserção da cultura do cacau responsável pelo enriquecimento da região e pelo fluxo migratório no início do século XX.

Faz-se referência ao quarteirão Jorge Amado e os circuitos *Cravo e Canela*, com os “imponentes palacetes, dos poderosos “coronéis” que patrocinaram a europeização da cidade”. Ainda destacam-se o Palácio Paranaguá, onde funciona a Prefeitura; a Associação Comercial; o casarão do "coronel" Misael Tavares e o da família Bербet inspirado no palácio do Catete do Rio de Janeiro; a Igreja Matriz de São Jorge; a Catedral de São Sebastião; o Ilhéus Hotel, com o primeiro elevador na interior do Nordeste e o Cine Teatro de Ilhéus.

Site Ilhéus Virtual (<http://www.ilheusvirtual.com.br/>)

Site em formato de portal, apresenta diversas seções na página inicial, com mural de recados, eventos, notícias locais, etc. As seções analisadas foram: “*Atrativos Culturais*” e “*História*”. Na seção “*Atrativos Culturais*” são apontados, como os “principais pontos onde podem ser verificados e conhecidos a cultura e a história da cidade de Ilhéus”: o Museu Nossa Senhora da Piedade; o Museu Regional do Cacau; a Casa dos Artistas; o Teatro Municipal de Ilhéus; a Casa de Jorge Amado e o Vesúvio. Cada atrativo vem com uma pequena descrição histórica dos elementos que podem ser encontrados na visita.

A seção “História” é subdividida em cinco tópicos: *Ilhéus Capitânia*; *A Influência do Índio*; *A Influência do Negro*; *Elevação à Categoria de Cidade*; *A Cultura do Cacau*. O texto é um resumo de um trecho do livro *Passeio por São Jorge dos Ilhéus*, de Maria Luíza Heine, e como este, guarda uma proporção desigual entre estas descrições. As que apresentam maior quantidade de informação são *Ilhéus Capitânia* e *A Cultura do Cacau*. Na primeira é descrito o processo de ocupação do território operado por Portugal, através das capitânias hereditárias. Relata-se doações de sesmarias, atos políticos da coroa, a importância econômica da capitania e o fim das capitânias hereditárias em 1754. Em *A Cultura do Cacau*, é descrita a origem da utilização do cacau pelos incas e astecas, a inserção do consumo do chocolate na Europa, e sua chegada à região. Vê-se também o destaque que a região ganha no cenário nacional e mundial em decorrência da sua produção, delegando a expansão e consolidação das lavouras aos sergipanos e alagoanos que buscavam o eldorado do cacau no início do século XIX. Ainda é ressaltada a importância que ainda tem a lavoura nos dias atuais.

Os outros tópicos, *A Influência do Índio; A Influência do Negro e Elevação à Categoria de Cidade*, apresentam textos bastante resumidos em relação aos descritos anteriormente. È apontado como influência indígena os nomes das cidades da região, o hábito de tomar banho, o consumo de farinha de mandioca, o uso de rede de dormir. A história do negro é apenas mostrada através de sua origem Africana e a vinda para o Brasil para trabalhar nas lavouras. Sua influência é retratada através de exemplos da comida baiana e da música. A elevação à categoria de cidade em 28 de junho de 1881 é colocada ao lado da transformação em bispado em 1913. Fica expresso ainda a ausência de “grandes acontecimentos” nos séculos XVII e XVIII e o “atraso” da vila em relação ao resto do país após o apogeu do início da colonização.

A representação histórica das elites

Os discursos reproduzidos nos sites a respeito do patrimônio histórico da cidade remetem a um processo discursivo onde a história de Ilhéus é representada por símbolos que remetem à vida abastada dos coronéis do cacau e às igrejas católicas mais antigas da cidade, aproveitando-se ao máximo a publicidade gerada por *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado na inserção destes elementos num circuito de oferta turística.

A cidade de Ilhéus tem 470 anos de história, a qual começa com a doação da capitania dos Ilhéus a Jorge Figueiredo Corrêa em 1534. Este designou Francisco Romero para efetuar a colonização do território nos anos subseqüentes, os quais não fazem parte do meu objetivo neste momento relatar. Durante estes séculos de história, diversos acontecimentos de grande valor histórico, ocorridos no seu território, foram esquecidos ou pouco lembrados³. A história da cidade de Ilhéus, retratada através de seu patrimônio, é fortemente marcada pela cultura do cacau, responsável pela modernização da cidade no início do século XX, e a participação da igreja católica através de seus templos. Poucas são as construções referentes à época colonial, a exemplo da Capela de Santana, do século XVI; a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, com a primeira construção datando do final do século XVI, mas que foi totalmente modificada devido a incêndios; a Igreja de São Jorge do final

³ A exemplo da “Batalha dos Nadadores”, massacre de índios ocorrido na hoje conhecida praia do Cururupe, comandado por Men de Sá por volta de 1560; e das duas revoltas de escravos ocorridas no Engenho de Santana em 1789, e entre 1821 e 1824, quando os escravos dominaram a propriedade. No engenho de Santana se encontra a capela de Santana, tombada pelo IPHAN, que é considerada a 2º capela rural mais antiga do País, porém sem nenhuma referencia a tal fato histórico.

do século XVII; a Igreja nossa senhora da escada, em Olivença⁴. Se são poucas as construções de outras épocas, menos ainda são aquelas que se remetem ao passado histórico dos negros, dos índios e dos emigrantes que foram responsáveis pela povoação do território. O Memorial da Cultura Negra, que funcionava desde 2002 foi recentemente despejado por falta de pagamento do aluguel pela prefeitura, que por sua vez justifica estar procurando um local mais “estratégico”⁵.

O estudo histórico de Ribeiro (2001), sobre a cidade de Ilhéus entre o período de 1880 a 1912, mostra como uma disputa política travada entre Adamistas e Pessoístas, dois grupos políticos encabeçados por coronéis do cacau, veio a influenciar na produção da história de Ilhéus. Após o coronel Antônio Pessoa assumir a intendência do município, em 1912, opera-se a construção deliberada da história de Ilhéus. Através da contratação de profissionais vão surgir jornais, livros de história e memórias onde a civilização de Ilhéus surge com a cultura do cacau e pelos braços de desbravadores.

Donos “naturais” da terra e da força de trabalho de outras classes, esses indivíduos, responsáveis pela retórica que alimentou a produção da história de Ilhéus, foram também responsáveis pela edificação dos bens apontados hoje, como patrimônio histórico do município. Ou seja, a história é vista de cima.

No que a tange a afirmação desses bens como patrimônio histórico de Ilhéus, podemos observar que esta vai surgir no final dos anos 1970 início dos anos 1980, época marcada pelo início do turismo na região. Podemos analisar este surgimento através de uma perspectiva nacional, tendo como base os três períodos diferenciados por Motta(2000), ao analisar a passagem do tratamento estético-estilístico nacional para ao de consumo visual global.

O período inicial, entre 1937 e 1970, a idéia de patrimônio se pautava pela unidade nacional, na construção de nação moderna. Encabeçada por arquitetos modernos, a concepção de patrimônio vai estar ligada à noção de monumento, prezando por unidade e autenticidade estilística. Na inexistência dessa unidade, os sítios urbanos eram desconsiderados, deixando de fora edificações de estilo eclético que marcaram as construções do século XIX.

⁴ Distrito da Cidade de Ilhéus

⁵ Busca-se um local mais ao centro da cidade em função do turismo.

Nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, o cacau foi o principal produto de exportação da Bahia, período em que a cidade passou por um processo de modernização, ocorrendo um intenso fluxo migratório em busca das riquezas prometidas pelo cacau. Nesse período vão se constituir a maioria das construções que hoje fazem parte do patrimônio declarado de Ilhéus. Os coronéis do cacau, detentores do poder local constroem casarões na cidade, patrocinam reformas e construções de igrejas.

A valorização do ideal de modernização e dos modelos estéticos europeus, originou construções de estilo eclético, na medida em que estes modelos eram interpretados por construtores locais, dessa forma sem a pureza estilística que marcava os processos de intervenção do patrimônio e muito novos para os objetivos do IPHAN, que era buscar elementos que representassem um passado histórico da nação. Em Ilhéus, vivia-se o ideal de modernização, o velho deveria dar lugar ao novo. A possibilidade de leitura desses elementos através do seu valor documental e histórico só vai ser possível através da revisão do conceito de patrimônio ocorrido a partir de 1970, onde começa o período que Motta vai caracterizar como intermediário. Para a autora, até a década de 90 ocorre a descentralização das ações sobre o patrimônio e um avanço no conceito:

O patrimônio despiu-se do seu valor simbólico nacional, passando a servir como apoio à luta pela manutenção de um meio ambiente urbano menos adensado, contra a especulação imobiliária. ... Embora essa luta fosse o principal motor das mudanças no Brasil, também, as lutas travadas internacionalmente pelo respeito à diversidade cultural no pós-guerra e o despertar de um interesse para o uso do patrimônio por seu potencial econômico – especialmente pela indústria do turismo – influenciaram as transformações que se iniciaram no período. (Motta 2000, p.266)

As primeiras ações do poder público que vão se preocupar com a preservação do patrimônio histórico de Ilhéus são do final dos anos 70. Em 16 de maio de 1978, o prefeito Antonio Olímpio assina a LEI Nº 1.183 que Institui a Fundação Casa da Cultura de Ilhéus e dá outras providências, da qual uma das competências era cooperar para a defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico do Município; Na década de 80 vão surgir outras leis: em 23 de janeiro de 1985 o então prefeito Jabes Ribeiro assina a lei Nº 2.175 deu nova redação à de número 2.046/79 que dispõe sobre o uso e ocupação do solo, ressaltando a importância da preservação de construções em áreas consideradas de interesse histórico e cultural, delimitando-a. Em 1988, o governo do Estado, através do Inventário de Proteção do acervo cultural da Bahia, IPAC, enumera alguns dos bens patrimoniais da

cidade. Nesse, vão estar presentes, além das igrejas mais antigas do município e da prefeitura municipal, sedes de fazendas e palacetes dos coronéis do cacau. Em 1989 cria-se o centro histórico de Ilhéus, em ruas centrais da cidade, onde se encontram palacetes, casarões e ruas construídas no início do século XX pelos coronéis do cacau. No final dos anos 1990 e início de 2000, a prefeitura municipal, tendo como principal foco o desenvolvimento do turismo, revitaliza o centro histórico criando dois roteiros turísticos: o roteiro *cravo* e o roteiro *canela*, referência ao livro de Jorge Amado *Gabriela cravo e Canela*. Esta última intervenção vai estar de acordo com a caracterização de que Motta vai fazer do terceiro período do discurso sobre o patrimônio, que começa nos anos 90, caracterizado pela inserção destes elementos num mercado mundial de consumo do visual.

Percebe-se que as representações do patrimônio da cidade de Ilhéus, em sites de turismo, vão estar a serviço da inserção destes elementos já declarados pelo poder público, num circuito comercial, reforçando as referências à cultura das elites do cacau, alvos da proteção e intervenção do poder público nos últimos anos. A referência a outros fatos históricos da região, através do patrimônio erguido, fica por conta dos templos católicos. Influenciando tanto a seleção quanto à representação destes elementos, como representativos da história da cidade, está o imaginário das obras de Jorge Amado, que passaram por um processo de valorização simbólica e econômica.

A Valorização Simbólica

O turismo vai influenciar sobremaneira a seleção e os investimentos voltados para a preservação e valorização do patrimônio histórico da cidade de Ilhéus. Como grande motivador deste processo temos as obras de Jorge Amado, que ao serem adaptadas pela TV e pelo cinema, difundiram Ilhéus num mercado globalizado do turismo.

As obras de Jorge Amado, em particular *Gabriela Cravo e Canela*, passaram pelo complexo processo que caracteriza o que Thompson (1995) chama de valorização das formas simbólicas. Processo no qual a atividade turística vai estabelecer uma relação direta entre valorização simbólica e a valorização econômica. “ Valor simbólico é aquele que os objetos têm em virtude dos modos pelos quais, e na extensão em que, são estimados pelos indivíduos que os produzem e recebem”(TOMPSON, 1995. P.203). O processo de valorização das obras de Jorge Amado já vinha de longa data, na medida em que o autor já

tinha sido premiado em diversas partes do mundo pela sua literatura. Porém, foi com a adaptação desta obra para a TV e para o cinema, meios de comunicação de massa, que o imaginário da cidade de Ilhéus foi difundido para outras partes do país e do mundo, tornando Ilhéus um lugar a ser visitado. A divulgação da cidade e da Bahia provinda das adaptações para cinema e para TV, foi aproveitada de forma intensiva pelo governo do Estado, que então orienta sua política cultural no sentido de promoção do turismo e na formação de uma identidade bahiana.

A novela *Gabriela* colocou a Bahia no imaginário do brasileiro como um local que teria de ser visitado. A estrada BR101 havia sido inaugurada em 1972, de modo que desde 1977, quando foram apresentados os últimos capítulos da novela, centenas de turistas visitaram Ilhéus, e, por extensão, Salvador. Ficava claro que o turismo seria uma alternativa de emprego e renda para o estado, sendo necessário aproveitar a oportunidade da publicidade proporcionada pela novela. Ao assumir o governo do estado pela segunda vez, em 1979, ACM decide envidar esforços para consolidar a imagem da Bahia como um espaço de cultura e lazer, capitalizando em cima dos principais traços divulgados pela novela sobre como seriam os baianos: seres que vivem com volúpia num espaço tropical, sempre propensos a lubricidade, praticada às mancheias nas praias, festas e danças.(ALMEIDA 2000. p.6)

As datas são reveladoras. A novela acaba em 1977, fazendo com que a cidade seja visitada por turistas que queriam conhecer o local descrito nas ficções de Jorge Amado, as histórias dos coronéis e jagunços, elementos desse imaginário do cacau difundido pelo autor. Como foi enumerado anteriormente, foi em 1978 que o poder público vai começar a criar meios legais para a preservação do patrimônio histórico da cidade, dando atenção aos símbolos da cultura do cacau.

Embora a cidade tenha o seu potencial turístico descoberto desde então, a formação do Pólo turístico da Região do Cacau, segundo Queirós(1993), só vai se desenvolver seriamente na cidade de Ilhéus a partir de um movimento exterior à região, iniciados por investidores suíços em meados da década de 80, que descobriram as potencialidades locais através das obras de Jorge Amado⁶. Até então, a região ainda estava muito atrelada à monocultura do cacau, o que dificultava o desenvolvimento de outras atividades.

O turismo vai ser apontado como alternativa econômica quando uma crise se instala na região, após uma doença conhecida como “vassoura de bruxa” comprometer seriamente a produção de cacau, que até então era o maior responsável pela receita municipal. O

⁶ O Bar Vesúvio, palco do romance entre Nacib e Gabriela, é de propriedade de um suíço.

governo Estadual, embora tenha se beneficiado pela publicidade gerada pelas adaptações da obra de Jorge Amado, concentra a maior parte dos investimentos voltados para o patrimônio na cidade de Salvador e a região Metropolitana. Cabendo os principais investimentos em Ilhéus ao governo municipal. Durante a década de 1980 são criadas leis de proteção, tombamento e outro meios legais de proteção ao patrimônio, porém é no final da década de 1990 e início de 2000, que o poder público municipal vai concentrar esforços pra a revitalização do centro histórico da cidade, criado em 1989. São criados os roteiros turísticos *Cravo* e *Canela*, investe-se na recuperação do Bataclan, Vesúvio e outros prédios ligados ao imaginário *amadiano*.

Em entrevista concedida ao jornal “A Região” em 30.Junho.2002 , o então prefeito Jabes Ribeiro deixa explícito a íntima relação entre turismo, investimentos no patrimônio e as obras de Jorge Amado:

A partir de tais equipamentos vai se poder fixar o turista em Ilhéus com a exploração dos turismos cultural e ecológico. O governo já reergueu o Teatro Municipal, a Casa de Jorge Amado, o Vesúvio recuperado, com novo visual, o Quarteirão Jorge Amado reurbanizado, o Memorial da Cultura Negra que vamos inaugurar no Dia da Cidade, o Bataclan com inauguração prevista para agosto. (Jabes Ribeiro, A Região 30.Junho.2002)

A fala do prefeito ilustra bem o que estamos tentando argumentar: o turismo foi o principal motivador da seleção operada para ações de intervenção sobre o patrimônio na cidade de Ilhéus. O fato de Jorge Amado ser o principal difusor da imagem de Ilhéus no Brasil e no Mundo, fez com que o investimento público na preservação do patrimônio até então, priorize os elementos representativos da época retratada em “*Gabriela Cravo e Canela*”, época de ouro do cacau. Dentre os elementos enumerados pelo prefeito, somente dois não fazem parte do universo *amadiano*: o Teatro Municipal e o memorial da cultura negra. Todos os restantes, Casa de Jorge Amado, Bataclan, Vesúvio e o Quarteirão Jorge Amado, fazem referência ao autor e sofreram intervenções pelo poder público, com o objetivo, como destaca o prefeito, de fixar o turista em Ilhéus com a exploração dos turismos cultural e ecológico. Neste sentido, pode-se afirmar, com relação ao processo de formação e representação do patrimônio da cidade de Ilhéus, a cultura tem vindo a reboque da economia. O turismo tem proporcionado intervenções sobre o patrimônio que visam mais o usufruto pelo turista, num circuito de consumo do visual, do que a valorização do

significado dos bens como um legado, o que acarretaria mais tempo para estudo destes bens, e um maior envolvimento da população.

Considerações Finais

A reflexão em torno do discurso sobre o patrimônio em sites de turismo, ou em qualquer outro meio, faz-se importante na medida em que busca práticas adequadas para a representação desse legado, busca seu valor como documento, respeitando e valorizando a diversidade da cultura local na prática do marketing turístico. É neste sentido, que o ideal de desenvolvimento sustentável pode nortear ações e iniciativas.

O conteúdo dos sites pesquisados retrata a relação do poder público com o patrimônio de Ilhéus. O turismo foi o principal motivador das medidas de intervenção e proteção do patrimônio histórico da cidade. Ao optar por esta concepção de Patrimônio “para turista ver”, o poder público exclui do processo a preocupação da representatividade deste patrimônio, e seu valor como documento. O Estado, ao optar pelo viés do consumo no tratamento do Patrimônio, prioriza a exploração da imagem de Jorge Amado e dos elementos por ele descritos. Considerar este tipo de turismo cultural praticado e incentivado na cidade de Ilhes uma prática sustentável, que leva benefícios e valoriza a cultura local é no mínimo precipitado. Esse *capital cultural*, que vem se acumulando e gerando rendimentos, representa e é apropriado de forma desigual pela população que diz representar. A “cultura local” fica resumida às representações de setores privilegiados da sociedade, que por sua vez vão obter as maiores vantagens de sua utilização no circuito comercial. Ao entendermos o patrimônio como um capital cultural, devemos pensar o desenvolvimento sustentável, em termos de participação da comunidade na formação, no acúmulo, na representação, e nos rendimentos gerados por estes bens culturais.

Com isso, não se quer negar a importância da história e da cultura do cacau para Ilhéus, muito menos condenar a utilização de bens históricos pelo turismo. A intenção é apontar para o fato de que tanto para o turismo, quanto para a população local (portadores da cultura local), a inclusão de “outros” na história de Ilhéus, que não se limitem à cultura do cacau, nem tampouco aos livros de Jorge Amado, pode contribuir para a valorização da diversidade cultural como também tornar a cidade mais rica em atrativos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA G. W. **Estado, televisão e construção de identidade na Bahia.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt09/art-gt09.html>

AVIGHI, C. M. Turismo, Globalização e Cultura in: LAGE, B. H. G. MILONE, P. C. (org). **Turismo: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2000. P 102-106.

BAHIA. Secretaria de Industria, Comercio e Turismo. **IPAC-** Inventário de Proteção do acervo Cultural, monumentos e sítios do Litoral Sul, 1ª edição. Salvador, 1988.

CANCLINI, N. G. O Porvir do Passado. In: **Culturas Híbridas** : Estratégias para entrar e Sair da Modernidade. 3 ed. São Paulo: EDUSP,2000. p 159-204.

Entrevista com Jabes Ribeiro. **A REGIÃO**, Itabuna, p.4-5, 30.Junho.2002

LAGE, B. H. G.. MILONE, P. C. (org). **Turismo: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2000.

MENESES, U. T. B. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁGIZI, Eduardo. CARLOS, Ana Fani. CRUZ, Rita de Cássia. organizadores **Turismo: espaço, paisagem e cultura** São Paulo: Hucitec, 2002. 3ed. p. 88-99

MOTTA, Lia. A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, Antônio.(org) **O espaço da diferença.** Campinas, SP: Papirus, 2000. p.256-287.

PELLEGRINI, A. F. **Ecologia, Cultura e Turismo.** Campinas: Papirus, 1993

QUEIROZ, L. Ilhéus – O pólo turístico da Região do Cacau. In: **BAHIA ANÁLISE & DADOS** Salvador -BA SEI v.11 n.2 p.27-31 março , 1993.

RIBEIRO, A. L. R. **Família , Poder e Mito:** o município de São Jorge dos Ilhéus (1880-1912). Ilhéus: Editus, 2001.

SANTANA M. Patrimônio,turismo e identidade cultural. **BAHIA ANÁLISE & DADOS** Salvador -BA SEI v.11 n.2 p.169-173 Setembro 2001

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna** : teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa; tradução: Carmen Grisci ... [et al.]. -. Petropolis, RJ : Vozes, 1995

VOISIN, J. K.**Comunicação turística, memória, identidade: uma proposta de abordagem e dois casos (Ilhéus-Bahia e La Rochelle-França).** Disponível em: <http://alpha.uesc.Br/icer/home.htm> acessado em julho de 2004.